

AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO: UMA QUESTÃO POLÍTICA

PEDAGOGICAL TRENDS AND WORK: A POLITICAL ISSUE

Enrique Garcia Betemps

Graduando no curso de Filosofia - Licenciatura na Universidade Católica de Pelotas. E-mail: enrique.betemps00@gmail.com

RESUMO:

Com o intuito de apresentar, dentro do vasto campo antropológico do trabalho, a questão educacional e seus efeitos na formação do cidadão para o trabalho, fomos compreender quais foram os modelos educacionais que de fato buscaram oferecer alguma contribuição para a formação profissionalizante ao indivíduo. Investigamos acerca da politecnia, o conceito de educação de Marx e Engels, depois recuperado pelos soviéticos; após, buscamos compreender o tecnicismo e qual sua proposta para uma educação para o trabalho. Devemos ressaltar a importância desse tema, já que a junção entre trabalho e educação, temas importantes em nossas vidas, aliando-se com a questão política, colabora para obtermos uma melhor compreensão do mundo, onde a educação cumpre papel importante, que nos leva (ou deveria nos levar) a um processo crítico e reflexivo acerca da sociedade em que vivemos e as relações de trabalho, que são fundamentais para o entendimento das condições sócio-históricas-culturais que estamos inseridos.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação; Trabalho; Antropologia; Politecnia; Tecnicismo.

ABSTRACT:

In order to present, within the vast anthropological field of work, the educational issue and its effects on the formation of the citizen for work, we understood what were the educational models that actually sought to offer some contribution to the professionalizing formation to the persons. We investigated about polytechnics, the concept of education of Marx and Engels, later recovered by the Soviets; After, we seek to understand technicalism and what is its proposal for an education for work. We must emphasize the importance of this theme, since the joining between work and education, important themes in our lives, allied with the political issue, contributes to a better understanding of the world, where education plays an important role, which leads us (or should lead us) to a critical and reflective process about the society in which we live and the working relationships, which are essential to the understanding of the socio-cultural-historical conditions that we are inserted.

KEYWORDS:

Educacion; Work; Anthropology; Polytechnic; Technicality.

1 INTRODUÇÃO

Na questão antropológica do trabalho, devemos levar em conta a série de abordagens que, dentro deste tema específico é possível observar. O que se pretende neste artigo é entender, observando sob a ótica do trabalho e seu caráter alienante, (podendo entender sob as duas acepções da palavra) de que modo a educação é vista como meio de formação para o trabalho, tendo em vista que segundo Aranha,

a educação não pode ser compreendida à margem da história, mas apenas no contexto em que os indivíduos estabelecem entre si as relações de produção da sua própria existência. Desse modo, não há como separar educação e poder: a educação não é um processo neutro, mas se acha comprometida com a economia e a política de seu tempo. (2005, p. 33).

Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar de acordo com a visão política de socialistas e liberais (ambos são citados nominalmente já que são, de fato, os únicos que propuseram alguma práxis entre educação e trabalho) o que pensam sobre o trabalho e educação, e o modo como a educação é concebida e utilizada, partindo de quais conceitos teóricos e práticos elas são definidas. Considerando que o homem se faz pelo trabalho – afinal, tudo o que consumimos e produzimos resulta de algum tipo de trabalho – qual o papel da educação na formação do cidadão para o trabalho? A partir deste questionamento, decidimos pelo título “As Tendências Pedagógicas e o Trabalho: Uma Questão Política”, tendo em vista que as abordagens sobre trabalho, educação e política estão, neste caso, interligadas, foi traçado o caminho para a produção do artigo partindo das experiências da tendência tecnicista, elaborada nos Estados Unidos, da qual foi parcialmente implantada no Brasil, de um lado; e de outro, a politecnia, em princípio abordada por Marx e Engels e, após as revoluções que ocorreram em meados do séc. XX, mais difundida pelos soviéticos Krupskaya, Lunatcharski e Pistrak, e contando com boa contribuição de Antonio Gramsci.

2 A TENDÊNCIA DAS ESCOLAS TÉCNICAS

No século XX vimos o surgimento das tendências tecnicistas na educação. Esta tendência teve base no taylorismo² e no positivismo³ de Comte e foi implantada no Brasil nos anos 1960 após o Golpe Militar de 1964, principalmente com o objetivo de atender aos interesses norte-americanos, que chegavam com suas multinacionais em terras tupiniquins. Vejamos, agora, algumas características do tecnicismo. O tecnicismo tem como grande objetivo a formação de sujeitos mais eficientes para desempenhar funções no mercado de trabalho. Para isso, a escola deve ser adequada ao que exige a sociedade industrial, buscando a formação de mão-de-obra qualificada para os processos industriais, ou seja, que a escola sirva basicamente de um espaço que “treine” o aluno para se inserir profissionalmente na sociedade capitalista. Propõe que o conteúdo seja formado para a aplicação sistemática de princípios científicos, com base em informações que sejam objetivas e que colaborem para a melhor adequação do sujeito ao trabalho, buscando evitar conteúdos que abram margem para interpretações diferentes. Está, também, como papel da escola a modelação do comportamento, buscando formar um determinado tipo de indivíduo, que seja funcional e colabore para a manutenção do sistema. Ou seja, um indivíduo não questionador, que obedeça sem críticas às normas sociais vigentes. Segundo Luckesi (2003),

2 Frederick Taylor (1856-1915), introduz a Teoria Geral da Administração, com objetivo de controlar o processo produtivo, visando aumentar a produtividade e economizar tempo. Antes, os trabalhadores eram independentes, contratados para desempenhar tarefas e não tinham organização, algo que gerava diversos problemas como perda de matéria prima, produtividade desigual e muita desorganização. É daí, então, que surge a figura do Gerente, como organizador e planejador dos processos produtivos. O taylorismo então, sai do ambiente das fábricas e atinge a educação, a medicina, os esportes, dentre outras atividades, com a premissa de divisão do trabalho: porém, se torna um trabalho repetitivo, cronometrado, sistemático e apenas em busca de resultado.

3 O positivismo é uma corrente filosófica surgida na França no século XIX. Tem como principal nome um de seus idealizadores, Augusto Comte (1798-1857). O positivismo consiste, basicamente, na ideia de que o conhecimento científico devia ser reconhecido como o verdadeiro conhecimento. O verdadeiro conhecimento, o conhecimento positivo, é aquele sujeito à observação experimental.

a escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas. (LUCKESI, 2003, p. 61 apud AZEVEDO, et al. 2013, p. 4).

Dentro de sala de aula, a relação entre aluno e professor se dá de maneira bem distanciada. O papel do professor é transmitir os conteúdos “conforme um sistema instrucional eficiente e efetivo em termos de resultados da aprendizagem; o aluno recebe, aprende e fixa as informações” (LUCKESI, 2003, p. 62 apud AZEVEDO, et al. 2013, p. 4), ou seja, o objetivo é apenas a transmissão do conteúdo, técnico e objetivo, que seja fácil para o aluno captar, de modo que a verdade científica não dê margens para dúvidas, questionamentos ou debates em sala de aula.

2.1 O TECNICISMO NO BRASIL E SEUS EFEITOS

No Brasil, o tecnicismo foi introduzido em meados da década de 1960, principalmente após o Golpe Militar de 1964. De acordo com Luckesi (2003)⁴, a implantação do tecnicismo no Brasil começou a ocorrer com um acordo entre o Governo Brasileiro e o Governo Norte-Americano, com o chamado acordo “MEC-USAID”⁵, que ocorreu por conta do convênio de cooperação entre ambos os países. O Brasil era, nesse período, um terreno fértil para a implantação desse tipo de sistema escolar. Com a ditadura, a intenção era de formar mão-de-obra que não questionasse e muito menos partisse para algum tipo de reflexão sobre 4 (LUCKESI, 2003 apud AZEVEDO, et al. 2013, p. 3).

5 O MEC é o Ministério da Educação brasileiro, e o USAID é a sigla para “United States Agency for International Development”, ou por tradução livre, “Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional”, órgão do governo americano criado para a cooperação no desenvolvimento de outros países e que teve grande participação nas ditaduras que ocorreram na América do Sul. O acordo MEC-USAID tinha como intenção a reforma da educação brasileira de acordo com os padrões do governo norte-americano.

o trabalho realizado e as condições sócio-políticas do país, tanto que as disciplinas de Filosofia e Economia Política foram retiradas dos currículos e a carga horária de História foi reduzida. Com base no que foi dito anteriormente, Saviani diz que

buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem por em risco sua eficiência. Para tanto, era mister [...] mecanizar o processo. Daí a ploriferação de propostas pedagógicas tais como o enfoque sistêmico, o microensino, o teleensino, a instrução e propaganda, as máquinas de ensinar etc. (SAVIANI, 2008, p. 10 apud PEIXOTO, NUNES, 2016, p. 3).

Porém, é importante ressaltar que o tecnicismo não foi plenamente implantado, tendo em vista que os professores não conseguiram se adaptar a este novo modelo de educação, já que não haviam sido formados para este modelo educacional e já estavam acostumados com a tendência tradicional ou a tendência escolanovista no país. Segundo Aranha (2005),

a burocratização do ensino foi intensificada, afogando os professores em papéis nos quais deviam ser detalhados os objetivos de cada passo do programa. Com suas funções inferiorizadas, o professor tornou-se simples executor de ordens vindas do setor de planejamento, a cargo de técnicos em educação que, por sua vez, não pisavam em sala de aula (ARANHA, 2005, p. 232).

A implantação do chamado ensino profissionalizante orientado para o trabalho foi um fracasso, tendo em vista que não foi dada a devida preparação para que de fato acontecesse essa mudança, e nas escolas públicas a queda na qualidade do ensino fora absurda, já que eram obrigadas a seguir a risca o programa do governo, porém sem um planejamento que fizesse este modelo educacional ser implantado da maneira que acreditavam ser a correta.

3 A PEDAGOGIA SOCIALISTA

Ainda em um período pré-revolucionário, os principais teóricos socialistas, Karl Marx e Friedrich Engels, não se dedicaram exclusivamente a propor um modelo ou projeto de educação consistente, porém devemos levar em conta que se tratava de um período conturbado, com a crescente luta de classes e o acirramento dos movimentos sociais, sindicais e políticos visando uma mudança na sociedade capitalista, que conforme se desenvolvia, aumentava a exploração e a desigualdade. Portanto, Marx e Engels estavam focados na teorização de uma nova ideologia política e econômica, e não necessariamente no campo educacional, apesar de deixarem importantes colaborações ao campo pedagógico e ao desenvolvimento da politecnia. É importante deixar claro que, no entendimento marxista, pensar que a mudança nas estruturas sociais seja possível através da educação é algo ilusório, porém

mesmo enfrentando condições adversas, a nova educação, na concepção de Marx e Engels, deve começar já no capitalismo. Os homens responsáveis pela ruptura com este sistema, por mais que se desenvolvam as forças produtivas e as formas de intercâmbio, serão sempre homens incompletos e privados do desenvolvimento de sua potencialidade (MACHADO, 1989, p.123).

Ao longo de sua vasta obra, Marx e Engels deram "pistas" de como gostariam que a temática da educação fosse tratada. Segundo Manacorda (1989),

quanto ao desenvolvimento da teoria pedagógica, o socialismo de Marx e Engels (1848) assume criticamente todas as bandeiras burguesas: universalidade, gratuidade, estatalidade, laicidade, renovação cultural – o que o marxismo acrescenta de próprio além de uma dura crítica à burguesia pela incapacidade de realizar seus programas é a radicalidade dessas propostas e uma nova concepção da relação instrução-trabalho. (MANACORDA, 1989, p. 296 apud SILVA LIMA; ABREU, 2013, p.122).

Portanto, é importante ressaltar que Marx e Engels assumem as bandeiras burguesas, apropriando-se delas e utilizando-as para criticar a incapacidade burguesa de torná-las realidade, e deste modo se contrapondo à escola dualista burguesa e propondo a escola unitária, que visaria o fim da dualidade entre trabalho intelectual e trabalho manual, unindo teoria e prática, com o objetivo de tornar, como o próprio nome sinaliza, uma escola que una ambos os tipos de trabalho, dessa forma visando um melhor desenvolvimento das capacidades do aluno e futuro trabalhador, com o objetivo de emancipar o cidadão, o fazendo ter plena compreensão dos processos de produção. Na escola unitária, seria importante o desenvolvimento partindo de três premissas que seriam fundamentais para a educação da classe trabalhadora: a educação mental, a educação física e a educação tecnológica, propondo que, dessa forma, as três possam se complementar, sendo elas interligadas: "[...] essa educação deve fazer a combinação da educação intelectual com a produção material, da instrução com os exercícios físicos e destes com o trabalho produtivo." (SILVA LIMA; ABREU, 2013, p.124). O ensino politécnico que Marx e Engels propunham, de forma ainda inicial, pretendia com que a educação não fosse um ensino meramente profissionalizante e estreito, delimitado - ele, como já foi dito anteriormente, era contrario à escola dualista⁶ e à divisão do trabalho - ; o que Marx propunha era, com convicção, que "Esta combinação de trabalho produtivo pago com a educação intelectual, os exercícios corporais e a formação politécnica elevará a classe operária acima dos níveis das classes burguesa e aristocrática." (MARX, ENGELS, 1983, p. 60 apud MACHADO, 1989, p. 125). Foi então através dessas concepções que, após os momentos revolucionários de 1917 na Rússia, como veremos a seguir, fora baseada a educação socialista e a politecnia e a escola unitária do trabalho.

6 Podemos entender como escola dualista uma escola que, de acordo com a origem social, o jovem é designado para um determinado tipo de educação: se você ascender de classes sociais mais altas, terá uma formação globalizada; se você vier da classe trabalhadora, do proletariado, terá uma educação estritamente profissional e técnica, visando a formação de mão-de-obra.

3.1 A PEDAGOGIA SOVIÉTICA: A POLITECNIA

Em Outubro⁷ de 1917 acontece a Revolução Russa. Os socialistas do Partido Bolchevique tomam o poder com o apoio popular, derrubam o Czar Nicolau II, retiram a Rússia da Primeira Guerra Mundial e, a partir daí, se inicia a guerra civil russa, que durou de 1918 até meados de 1922, tendo como vitoriosos os Socialistas do Exército Vermelho. Ainda em 1917 foi instaurado o NarKomPros⁸, ou Comissariado do Povo para Educação, com Anatoli Lunatcharski sendo o encarregado para comandar esse departamento em conjunto com Nadezhda Krupskaya. A situação era complicada e o desafio grande, visto que 80% da população soviética era analfabeta e havia a necessidade de um grande avanço para que fosse possível alcançar o nível educacional das grandes nações desenvolvidas. Além do mais, outro papel da educação soviética é que, através dela deveria ser formado o novo homem da sociedade socialista: "o socialismo é uma sociedade humana normal, cujo princípio fundamental e essencial é a simples noção de comunidade de todos os homens para o bem de todos" (AMBONI, 2017, p. 308 apud LUNATCHARSKI, 1988, p. 36). Kruspkaya, pedagoga, revolucionária, bibliotecária e esposa do líder revolucionário Vladimir Lênin, parte do marxismo, que para ela servia como guia de ação, e classifica reivindicações que seriam fundamentais para o desenvolvimento educacional em seu país: em primeiro lugar, a educação obrigatória e integral para todas as crianças; em segundo, a escola laica; em terceiro, a organização não burocrática e democrática do trabalho escolar; a garantia da liberdade de opinião; e, por último, a garantia do ensino em sua língua materna, visto que na Rússia naquele período existiam diversas

7 A Revolução Russa teve início, de acordo com o Calendário Georgiano, no dia 7 de Novembro de 1917. Porém, na Rússia nesse período ainda era utilizado o Calendário Juliano, portanto o dia, de acordo com o calendário utilizado naquele período, foi o dia 25 de Outubro de 1917. No ano seguinte, a Rússia adotou o Calendário Juliano.

8 O NarKomPros, Comissariado do Povo para Educação, foi o departamento soviético estabelecido no período pós-revolucionário para administrar a educação pública. Em 1946, foi renomeado para Ministério da Educação.

línguas e dialetos. Segundo Krupskaya, em uma escola unitária do trabalho

antes de tudo, lhes dará a conhecer o papel que desempenha a indústria têxtil na economia do mundo inteiro e na do nosso país. Lhes dará a conhecer como se desenvolverá a indústria na URSS. Os alunos saberão onde se encontram os centros de nossa indústria têxtil, que matérias-primas utilizam as fábricas – linho, algodão, lã, seda, seda artificial etc. –, onde se encontram zonas produtoras dessas matérias primas e como se desenvolverão em um futuro próximo. Conhecerão as peculiaridades das matérias primas e os métodos mais perfeitos de obtê-las e conservá-las, assim como a instalação de fábricas, as peculiaridades de sua estrutura, os distintos ramos de fabricação de tecidos. Também saberão que profissões se necessitam na fábrica. Estudarão a construção de máquinas têxteis, aprenderão a projetar estas máquinas e saberão a história do desenvolvimento da produção têxtil e em que consiste os aperfeiçoamentos modernos. Em oficinas especiais trabalharão em máquinas de distintos tipos, verão em que são vantajosas as máquinas novas em relação às máquinas velhas e aprenderão a atendê-las e pô-las em movimento: começando pelo trabalho manual e terminando pela eletricidade. (KRUPSKAYA, 1978 apud SALA, 2017).

Ou seja, para Krupskaya, seria a partir do entendimento do trabalho que se partiria para o entendimento acerca do mundo. Vendo sob a ótica da citação anterior, podemos perceber que a partir do estudo sobre o funcionamento fabril, abre-se o caminho para conhecer a Geografia, a Química, a Física, etc. Krupskaya, além de seu papel importante na colaboração do desenvolvimento da escola unitária do trabalho, também teve papel fundamental na construção e organização das bibliotecas da União Soviética.

Anatoli Lunatcharski, que foi o homem designado por Lênin para comandar o NarKomPros, seguia assim como Krupskaya as bases deixadas pelo marxismo, e sustenta a ideia de que é necessário a educação partindo

da escola unitária, sem fazer distinção entre trabalho intelectual e trabalho manual. Ele diz que

consideramos o trabalho como matéria de estudo, isto é, como ensino da técnica no seu conjunto. Consideramos o trabalho também como meio de educação, porque sabemos que é só pelo trabalho coletivo que podemos formar os traços de caráter indispensáveis a uma personalidade sólida e espiritualmente valiosa. Consideramos o trabalho também como participação dos adolescentes e das crianças no processo geral do trabalho da população. A criança deve compreender que o trabalho não é uma brincadeira, mas o elemento no qual se funda a sociedade; deve sentir-se um pequeno trabalhador no grande processo da cooperação. Mas não podemos permitir que esta cooperação não seja parcimoniosa. Manteremos neste trabalho um caráter que permita cuidadosamente construir a partir de um pedaço de pequeno homem um grande trabalhador da sociedade socialista (LUNATCHARSKI, 2002b, p. 06 apud AMBONI, 2017, p. 310).

No entendimento de Lunatcharski, assim como no entendimento da maioria dos pedagogos soviéticos que participaram do desenvolvimento educacional do país, seria a partir do entendimento do funcionamento das fábricas que se daria um conhecimento acerca de outras coisas. É importante ressaltar que, um tempo depois, o italiano Antonio Gramsci⁹ viria a criticar esse entendimento soviético de a escola funcionar praticamente como uma fábrica. O conhecimento sairia do mais restrito para o mais geral:

chamamos-lhe escola politécnica, porque não gostaríamos que o trabalho fosse estudado com base num só exemplo. Ao estudardes a história da fábrica, estais a estudar a evolução das relações de trabalho, aprendeis o que são as doenças profissionais, confrontar-vos-eis com a higiene social, a anatomia, a fisiologia — com as disciplinas médicas em geral. Não existe um grupo de conhecimentos que não

esteja estreitamente ligado a essa gigantesca meada das relações entre o homem e a natureza, a esse nó que um grande centro industrial, uma fábrica ou uma oficina constituem. (LUNATCHARSKI, 2002b, p. 21 apud AMBONI, 2017, p. 313).

O pedagogo Moisei Pistrak segue a mesma linha de pensamento dos anteriores e reforça a necessidade da coletividade enquanto princípio para formação do novo homem da sociedade socialista, e também do papel importante do trabalho na formação educacional. É importante ressaltar que no período pós-revolução, se passa também por uma espécie de revolução cultural, tendo em vista que em uma sociedade socialista os valores e princípios são bem diferentes dos de uma sociedade capitalista. Portanto, a ênfase no trabalho no campo educacional também servia como forma de aproximação entre a classe trabalhadora, grande responsável pela revolução, e a educação, instituição que era talvez a principal “força” dessa espécie de “revolução cultural” pela qual passava a Rússia Soviética naquele momento. Devemos também ressaltar que o trabalho no qual os soviéticos incluíram no currículo de suas escolas, não era o trabalho alienado da sociedade capitalista, mas sim o trabalho que é socialmente útil, que é útil à produção da vida humana e tem caráter emancipatório. Pistrak, que foi o responsável pela organização curricular, propôs que fossem incluídos o “trabalho doméstico, o trabalho social tal como os que não exigem conhecimentos especiais, trabalho educativo nas oficinas, trabalho agrícola, trabalho educativo nas fábricas etc” (SILVA LIMA, ABREU, 2013, p. 129). Além do mais, resalta que “será indispensável o mais íntimo contato entre escola e economia, se quisermos ter homens que compreendam claramente os princípios de nossa obra construtiva, participando ativamente em sua elaboração e assumindo-a como coisa sua” (PISTRAK, 1981, p. 70 apud MACHADO, 1989, p.138). O intuito era de apresentar as diversas formas de trabalho, apresentando e fornecendo

⁹ Ver parágrafo 2.2

aos jovens formação científica de qualidade, na qual consigam ter a compreensão dos processos de produção e emancipá-los, de forma a ter ativa participação na sociedade e em seu trabalho, não sendo um alienado (nas duas acepções da palavra).

3.2 ANTÔNIO GRAMSCI: HEGEMONIA, EDUCAÇÃO E TRABALHO

Antonio Gramsci foi um dos mais importantes teóricos marxistas. Italiano, fundador do Partido Comunista Italiano, foi mantido no cárcere durante 11 anos pela ditadura fascista de Benito Mussolini. Gramsci faz sua análise educacional a partir de um conceito original: o conceito de hegemonia. Segundo ele, uma classe é hegemônica sobre outra não só quando pratica a sua dominação através da força e do poder, mas também se torna hegemônica quando eleva suas ideias a um nível no qual se torne consenso. É por isso que os intelectuais são importantes, pois é a partir do intelectual que é organizado um conjunto de ideias convincentes, ideias estas que se tornem consenso até mesmo na classe dominada. De acordo com Gramsci, para que ocorra o confronto com a classe dominante é necessário que os movimentos populares permaneçam ligados organicamente à sua classe, para que seja possível elaborar de modo coerente e crítico a verdadeira experiência proletária. Dessa forma, a classe dominada teria os seus intelectuais orgânicos, os intelectuais capazes de compreender e colaborar na organização da classe trabalhadora, que se organizaria em grupos de pressão, como os sindicatos e o partido da classe trabalhadora. Neste sentido,

a luta por uma nova hegemonia é também uma luta por uma nova forma de pensar. Romper com o modo homogêneo de pensar (aquele onde os indivíduos e as massas populares pensam o cotidiano e sua intervenção na sociedade nos limites traçados pelos valores, categorias e representações elaboradas pela concepção de mundo das classes dominantes), é um dos objetivos essenciais de luta pela formação de um consenso

ativo da classe trabalhadora, na medida em que a ação dessa classe e as particularidades de sua visão de mundo construam uma ameaça às bases de sustentação do sistema vigente, contrariando o consenso passivo (FORTUNATO, 2009, p. 9470 apud MARTINS, 2017, p. 68).

Portanto, a escola deve servir como local de consolidação da hegemonia civil, onde ocorre a conscientização da juventude enquanto classe dominada e colabora na formação dos intelectuais orgânicos. Gramsci, como marxista que era, defendia também a escola unitária, que ofereça a mesma educação a todos e que não diferenciaria o trabalho intelectual do trabalho manual. Com o conceito de Escola Unitária, Gramsci pretendia que a escola propiciasse

uma cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual (GRAMSCI, 1988, p. 118 apud MARTINS, 2017, p. 69).

Gramsci considera ainda que,

a marca social é dada pelo fato de que cada grupo social tem um tipo de escola próprio, destinado a perpetuar nestes grupos uma determinada função tradicional, diretiva ou instrumental. Se se quer destruir esta trama, portanto, deve-se evitar a multiplicação e graduação dos tipos de escola profissional, criando-se, ao contrário, um tipo único de escola preparatória (elementar-média) que conduza o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-o entretanto como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige. (GRAMSCI, 1968, p. 136 apud MACHADO, 1989, p.144).

Gramsci também critica os soviéticos por sua ênfase colocada no trabalho e no

ambiente fabril, pois segundo ele a escola não é uma fábrica, mas sim o ambiente da formação do intelectual orgânico, e também tem o objetivo de que o aluno assimile criticamente a herança da cultura histórica e científica da humanidade. (ARANHA, 2005, p. 265).

4 CONCLUSÃO

Concluindo, podemos perceber que a educação tem um papel fundamental para a formação do trabalhador; porém, devemos ter noção de até que ponto essa formação tem caráter emancipatório e transformador no indivíduo. É importante ressaltar que na politecnia, com a sociedade socialista soviética, a intenção de formar um novo homem para seguir os princípios do socialismo deu um caráter mais transformador ao estudante, tendo em vista que acabou com a dualidade da escola, fazendo com que dessa forma a educação fosse unitária e igualitária a todos, sendo assim todos iriam para as fábricas, ter o mesmo entendimento e educação, que partia dos conceitos mais gerais do funcionamento fabril para os conceitos mais amplos de estudo de uma grade curricular normal. Tinha, nesse intuito, a colaboração para elevar os trabalhadores aos soviets¹⁰, onde poderiam organizar a produção de sua fábrica. Já a escola tecnicista, com seu caráter taylorista e baseada no positivismo, não emancipava o aluno e futuro trabalhador, já que era baseada em caráter apenas científico, que não deixava margens para dúvidas e diferentes entendimentos, e menos ainda buscava fazer com que o futuro trabalhador tivesse um entendimento reflexivo e crítico sobre o funcionamento tanto de sua escola profissionalizante quanto de seu futuro emprego, formando dessa forma apenas a mão-de-obra. Ambas as escolas tem boas intenções: já que podemos dizer que o ser humano se faz pelo trabalho, nada mais interessante do que formar para o trabalho.

¹⁰ Os Soviets eram os conselhos operários formados por trabalhadores que tinham como intuito organizar os programas de produção de suas fábricas e/ou territórios na União Soviética, sob o contexto da Revolução Russa de 1917, com a abolição da propriedade privada.

Porém, devemos levar em conta a necessidade de formar cidadãos que pensam de modo crítico, não apenas a formação de mera mão-de-obra, por isso é importante haver o entendimento do que foram essas escolas e tendências, seus pontos positivos e negativos para, a partir delas, ser possível a construção de pedagogias consistentes.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.G.R; LIMA, F.C.S. **O Pensamento Pedagógico Socialista:** reflexões sobre a experiência educacional desenvolvida na Rússia pós-revolucionária sob a orientação de Pistrak. Revista Educação e Emancipação [online]. São Luís. v. 6, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/2587/618>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

AMBONI, Vanderlei. **O Trabalho como Referência Educacional na Formação do Homem Soviético.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate [online]. Salvador. v. 9, n. 3, p. 307-316, dez. 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/24508/15298>>. Acesso em 09 jun. 2019.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda, **Filosofia da educação.** São Paulo: Moderna, 2005.

AZEVEDO, A.J. et al. **A Influência da Pedagogia Tecnicista na Prática Docente de uma Escola de Educação Básica.** Revista Científica Eletrônica de Pedagogia [online]. Garça. n. 21, jan. 2013. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/zYtDts3VvFm5DcG_2013-7-10-17-59-12.pdf> Acesso em 10 jun. 2019.

MACHADO, Lucília R. de Souza, **Politecnic, Escola Unitária e Trabalho.** São Paulo: Cortez, 1989.

MARTINS, EDSON. **A Escola Unitária de Antonio Gramsci.** Grupo Educacional Opet, 2017. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n13/artigo6.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

PEIXOTO, E.S., NUNES, L.F. **Reflexões Sobre a Educação Tecnicista no Brasil:** Análise Crítica do Passado para Pensar o Presente. Editora Realize, 2016. Disponível em: <[https://](https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA6_ID4096_18062016135211.pdf)

editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA6_ID4096_18062016135211.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

SALA, Mauro. Krupskaya e a educação politécnica. **Esquerda Diário**, 2017. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Krupskaya-e-a-educacao-politecnica>>. Acesso em: 10 jun. 2019.